

# A produção do designer Eduardo Wilke: uma trajetória original

## *The production of designer Eduardo Wilke: an original trajectory*

Adriana Nely Dornas Moura

**Resumo:** Este artigo apresenta uma reflexão sobre a obra do designer Eduardo Wilke e sua atuação no cenário do design de Belo Horizonte ao longo das décadas de 1970 a 1990. Nesta abordagem, destaca-se a trajetória profissional do designer e as questões que nortearam o seu exercício projetual. O trabalho iniciou-se com uma pesquisa documental no acervo particular do designer, e foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o designer e pessoas que atuaram e trabalharam junto a ele. Pode-se constatar em quase toda totalidade de sua obra o uso da madeira maciça e técnicas finas de marcenaria, destacando uma grande diversidade de desenhos voltados para um público de maior poder aquisitivo.

**Palavras-chave:** design; design em Minas Gerais; design de autor.

**Abstract:** This paper presents a reflection on the work of designer Eduardo Wilke and his role in the design scene in Belo Horizonte from the 1970s to the 1990s. This approach highlights the designer's professional trajectory and the issues that guided his design practice. The work began with documentary research in the designer's private collection, and semi-structured interviews were conducted with the designer and people who worked with him. It is possible to observe in almost all of his work the use of solid wood and fine carpentry techniques, highlighting a great diversity of designs aimed at a public with greater purchasing power.

**Keywords:** design; design in Minas Gerais; author design

*Há algumas décadas, a visão de alguns pioneiros foi fundamental para alavancar o processo que hoje flui na direção da economia criativa, em que o capital intelectual é a mola propulsora do desenvolvimento, apoiado no tripé da sustentabilidade econômica, social e ambiental (Werneck, 2014).*

## Introdução

O artigo se situa no âmbito da investigação sobre o design, cultura material e história de vida. Propõe retomar a história e, ainda, a reflexão sobre o trabalho de Eduardo Wilke, em um cenário em que estudos sobre o design mineiro são modestos. O momento é oportuno e solicita o reconhecimento de profissionais que exerceram um papel de destaque para o design no Estado de Minas Gerais.

Alguns questionamentos se tornaram importantes nessa investigação e o principal deles é como a trajetória de Eduardo Wilke se apresenta e incide no cenário do design de Belo Horizonte no decorrer das décadas de 1970 a 1990? O trabalho iniciou-se com uma pesquisa documental considerando o acervo particular do designer, fotos, desenhos, projetos, entre outros. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o designer e profissionais que atuaram e trabalharam junto a ele, além de levantamento do contexto político, social, econômico e cultural da época, com vistas a apresentar a realidade nacional e, em particular, a cidade de Belo Horizonte, nesse período.

## Os primeiros passos: da feira à academia

Eduardo José Wilke Alves nasceu em 1953 na cidade de Belo Horizonte. Iniciou seus trabalhos criativos ainda na Escola Técnica Federal, atual Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), onde estudou eletrônica. Formou-se no ano de 1977 em Desenho Industrial na Fundação Universidade Mineira de Arte Aleijadinho (FUMA).

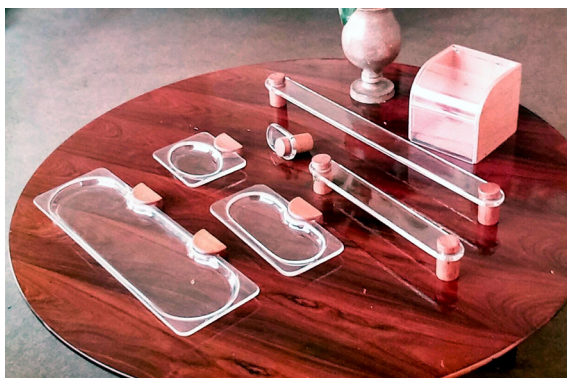
Como criativo, seus primeiros passos se deram em 1968 quando, aos 15 anos, iniciou a produção de bijuterias em latão e, na sequência, o couro, alcançando uma diferenciação em função do material utilizado. É nesse período que suas atividades empreendedoras se iniciam, com a venda desses objetos na Feira Hippie, em Belo Horizonte (MG)<sup>1</sup>, local de referência do artesanato mineiro. Somam-se às bijuterias peças como cintos, pulseiras e anéis.

Nesse momento, Wilke desperta a curiosidade pelo acrílico, e começa a criar pequenos objetos de mesa, o que vêm a ser o ponto de partida para a abertura da sua empresa Nova Forma Indústria e Comércio, em 1975. O foco, naquele momento, era o desenvolvimento de uma linha para casa, escritório e banho, tais como móveis, caixas, cinzeiros, potes, entre outros objetos, tendo como matéria prima o acrílico e a madeira.

---

1 A Feira de Artes, Artesanato e Produtores de Variedades de Belo Horizonte surgiu na Praça da Liberdade em 1969. Artistas plásticos e artesãos de diversas especialidades se reuniam, expunham e vendiam os seus trabalhos. Em 1973, foi reconhecida como feira de artesanato de Belo Horizonte. Em 1991, a Feira Hippie se transferiu para a Avenida Afonso Pena, no centro de Belo Horizonte.

Fonte: <https://portalbelohorizonte.com.br/o-que-fazer/compras-e-moda/feiras/feira-de-artes-artesanato-e-produtores-de-variedades-de-belo-horizonte-feira-hippie>.



*Figura 1: Objetos em acrílico e madeira.  
Fonte: Arquivo particular de Eduardo Wilke.*

O registro da empresa Nova Forma impulsiona a abertura da loja Múltipla, em 1977. Wilke inicia então suas atividades na área da garagem de sua casa, situada na Rua do Ouro, no bairro Serra, adaptada para comercializar seus produtos. Em uma etapa subsequente, a fábrica se estabelece no bairro Paraíso e a loja passa a ocupar um imóvel na rua Alagoas, na região da Savassi. Em seu galpão, faz suas primeiras incursões no universo da madeira, alumínio, e ensaia a produção de seus primeiros móveis. É nesse momento que firma parceria com a decoradora Ana Cristina Breder.

Entretanto, na sequência, alguns episódios fazem com que Wilke novamente mude os rumos de seu negócio: o incêndio ocasionado por vandalismo, na loja da Savassi, e a baixa do acrílico no mercado, ocasionada pela introdução de objetos produzidos com compósitos injetados, vulgarizando assim o acrílico naquela época.

Com suas atividades transferidas para um galpão maior, no bairro Lagoinha, o designer foca na produção de móveis personalizados e sob encomenda. Passa a produzir projetos idealizados por decoradores e arquitetos de renome como Cristina Menezes, Tânia Sales, Roberta Lopes, Leticia Vianna, Dante Lapertosa Filho, Edwiges Cavalieri, Rosinha Carvalho Houri, Freuza Zechmeister, Miguel Porcaro Vercaro, José Alberto Figueiredo, Regina Valadares, entre outros. Ao galpão é incorporado um *Showroom* e Wilke admite a introdução de um novo sócio. Assim se dá o início da Wilke Design. Os móveis produzidos tinham por conceito a ideia de complemento, com isso o designer comercializa de forma avulsa camas, cadeiras, mesas de jantar, banquetas de bar e pequenas mesas de apoio para sala, muito demandadas na época, apresentadas na Figura 2 a seguir.



*Figura 2: Mesas componíveis: triangulares e redondas.  
Fonte: Arquivo particular de Eduardo Wilke.*

A Wilke Design encerrou suas atividades em 1996, o que não significou a descontinuidade do seu trabalho, pois, na sequência, o designer começa a desenvolver produtos, terceirizar a produção e parte da comercialização.

Esse período se estende até que ele inicia sua vivência acadêmica na Universidade do Estado de Minas Gerais, na Escola de Design, que vai ao encontro de seu interesse em compartilhar conhecimentos. A partir de 2008 Wilke passa a se dedicar integralmente à academia.

## **Design em Belo Horizonte: pioneirismo e vanguarda**

O pioneirismo no design é uma marca do estado de Minas Gerais. Para contextualizar historicamente, é construída em 1940, no município de Cataguases, a residência em estilo moderno, de Francisco Inácio Peixoto (1909–1986), uma mútua colaboração entre Joaquim Tenreiro (1906–1992) e Oscar Niemeyer (1907–2012). Nesse período, Tenreiro projetou a poltrona Leve, dotada de alta qualidade artesanal e execução primorosa. É a partir daí que Tenreiro começou a desenvolver seus móveis modernos, conforme comenta Santos (1995). Ainda em relação a obra de Tenreiro, Galli (1988) destaca o seguinte episódio:

Quando o cliente [...] veio ver o projeto, logo arregalou os olhos e disse: era isso que eu queria! Começou aí a minha história do móvel moderno. Começou aí, na verdade, a história do verdadeiro móvel moderno no Brasil. Após a decoração da casa de Cataguases (Galli, 1988, p. 26).

A autora complementa o papel que Niemeyer e observa que no:

[...] empenho de criar uma convivência solidária e harmoniosa entre as artes e consciente do papel decisivo do design e das artes decorativas para o projeto moderno, que Niemeyer soube valorizar o talento e a maestria do genial Joaquim Tenreiro. E mais uma vez se destaca nos anos quarenta, agora no âmbito da implantação do processo de modernização do design de mobília (Santos, 1995, p. 115).

Dando continuidade à excelência no design, o cenário mineiro ainda conta com outros profissionais, tais como o designer Porfírio Valadares (ganhador do prêmio Museu da Casa Brasileira em 1990), o arquiteto e designer Cristiano Sá Motta, o arquiteto Eduardo Lamassa, a designer Águida Zanol, a designer Gracia Mendes, o designer autodidata Vitório Torchetti (ganhador do prêmio Museu da Casa Brasileira em 1990 e 1994), entre outros (Revista Pampulha, 1995).

Outros nomes se somam ao trabalho de Wilke. Na iluminação se destaca o designer Antônio Marcos Dias, com a Dominici e, na cerâmica, Máximo Soalheiro, bem como a Oficina Cerâmica Terra, do arquiteto João Grilo (Borges, 1996). Esta última, responsável por desenvolver em conjunto com as designers independentes Márcia Larica e Sônia Magalhães, a coleção Terra Brasilis.

O jornalista Walter Sebastião, do Caderno de Cultura do Jornal Estado de Minas, observa que, ao desenvolver o trabalho autoral da Oficina Cerâmica Terra, percorreu todas as coleções, levando a cerâmica de revestimento a um alto grau de qualidade e, principalmente, originalidade. O profissional destaca que:

[...] a linha Terra Brasilis marca o momento onde começamos a abrir o sistema de parceria. Foi o primeiro trabalho que teve um conceito fechado, mais sólido, e se propunha a trabalhar com a releitura do design indígena (Sebastião, 1996, p. 86).

O resultado dessa coleção obteve repercussão, tendo sido classificada em terceiro lugar em 1987, no Prêmio Museu da Casa Brasileira, na categoria de material de acabamento, e na 1º Bienal Brasileira de design (Borges, 1996). A Oficina Cerâmica Terra abriu novas perspectivas para o design autoral, e convocou artistas como Amílcar de Castro (1920–2002), Marcos Coelho Benjamim, Aldemir Martins (1922–2006), Pink Wainer e Silvio Oppenheim (1941–2012) para criar coleções assinadas e numeradas (Sebastião, 1996).

Enfatiza-se também a atuação de Eduardo Lamassa, nascido em Belo Horizonte, e que mantém desde 1987 um escritório de arquitetura e design. Lamassa recebeu o Prêmio MOVESP nos anos de 1992 e 1993, o Prêmio Museu da Casa Brasileira com a cadeira Thaís em 1993, além do Prêmio MOVESUL, em 1994 e 1996. A partir de 1994, ele veio a fazer parte do quadro de designers da casa Teperman, loja localizada em São Paulo, referência em design (Santos, 1996; Borges, 1996). Em 1996, Eduardo Lamassa e Erika Mayr recebem o primeiro lugar na categoria “Móveis para zona de refeições”, setor profissional, com a cadeira Boomi (Santos, 1996).

O contexto apresentado demonstra o movimento do mercado na década de 1990. Essa série de premiações produziu reconhecimento e crescimento do setor, e com ele a confiança dos designers para garantir as exigências de um mercado e uma indústria de ponta. Fábio Magalhães, diretor presidente do Memorial da América Latina, escreveu no prefácio do livro da jornalista Adélia Borges, sobre o prêmio Museu da Casa Brasileira:

A atividade de design no Brasil não é tarefa fácil e seu desenvolvimento se dá com tanta dificuldade que sua prática adquire, na maioria das vezes, um perfil de tenacidade, senão de teimosia e obsessão. Embora muita coisa positiva tenha ocorrido nesta última década e que beneficiou a atividade de design em nosso país, ainda são insignificantes os espaços que se abriram para a execução de projetos nacionais e pra sua comercialização (Magalhães, 1996, p. 9).

E Adélia Borges complementa: “a reação do mercado certamente não é a referência mais importante para a avaliação de um projeto, mas é um dado que não se pode desprezar em design [...]” (Borges, 1996, p. 10). Vale ainda ressaltar o projeto dos arquitetos Alexandre Mascarenhas, Humberto Pinheiro, André Senna Horta e Fernanda Rotelli Prado, no Pacífico Bar Café, concebido no ano de 1994, e ainda em funcionamento, um espaço de 50 m<sup>2</sup>, situado em um bairro da cidade, onde funcionava um antigo galpão que abrigava um depósito de materiais de demolição. Construído na década de 1940, os designers preservaram ao máximo a construção, e a mistura de variadas propostas arquitetônicas, trazendo um ar contemporâneo ao local (Aragão; Podestá, 1996).

É também nesse período que Cristiano Sá Motta, formado em arquitetura, desenha móveis para as lojas da região da Savassi. Sá Motta descreve:

‘Móveis Ambulantes’ são estantes e armários-vitrine que se movem, modulam e ampliam as possibilidades de uso, ora tornando displays, ora divisórias, ora biombos [...] os móveis são executados a partir da combinação de materiais, tais como radica, pau-marfim, latão, tubos de ferro lixados e vidro. O resultado final abre a possibilidade da multi adequação móvel/espaço (Santos, 1995, p. 32).

Consideramos significativo para essa retrospectiva, abordar a importância da região da Savassi, central no contexto histórico, cultural e comercial de Belo Horizonte, que se valeu do desenvolvimento de móveis para as lojas “boutiques” abertas nessa época. É importante relatar

que a Savassi foi um polo de moda e design na década de 1980, um espaço pensado para abrigar lojas sofisticadas, um local para consumir e divertir. Podemos destacar a fala de Lemos:

Ao mesmo tempo em que se pode afirmar que a região da Savassi imitava o Centro em termos de estrutura urbana, constatam-se diferenças significativas entre os dois pontos. Caracterizados pela mesma condição urbanística moderna, como também pelas suas representações simbólicas, muitas diferenças distinguem os dois centros, que até os anos 1980 se interagiam e se completavam, compondo a dinâmica do urbano como um todo (Lemos, s.d. p. 104)

Para entendermos melhor, a autora apresenta a diferença qualitativa entre o centro da cidade e a Savassi:

A Savassi, nesse período, caracterizava-se principalmente como um espaço de consumo, enquanto no Centro acentuava-se a característica de referencial de negócios. O comércio varejista, por exemplo, que, em termos relativos, era muito mais numeroso, apresentava na Savassi uma qualidade superior, sendo as suas lojas dotadas de grande sofisticação. Neste, essas atividades supriam uma necessidade, o que equivale dizer que o ato de consumir estava restrito à satisfação de uma demanda imediata e momentânea da população. Já no novo centro comercial – cuja acessibilidade e sofisticação conferiam ao ato um sentido peculiar – as pessoas iam consumir, mas também passear e flunar pelos lugares (Lemos, s. d. p. 104).

A partir da apresentação desse contexto e designers, abordaremos, na sequência, a loja Wilke Design, que migra para esse novo setor comercial da cidade de Belo Horizonte, situada na rua Professor Moraes.

A fachada da loja na Savassi dava ênfase à marca, dotada de ampla vitrine, que possibilita visualizar o interior da loja e, por consequência, os móveis dispostos simulando ambientes residenciais. Contava ainda com iluminação que, ao acentuar alguns pontos focais, proporciona destaque aos móveis expostos, conforme a Figura 3.



*Figura 3: Fachada e interior da Loja da Savassi.  
Fonte: Arquivo particular fotográfico de Eduardo Wilke.*

A organização buscava dispor melhor os móveis criando pequenas simulações de ambientes com possibilidade do cliente se locomover por esse espaço dentro da loja. Observa-se o uso de vários objetos para auxiliar a compor o recinto como tapetes, plantas, luminárias, telas nas paredes etc. Pelas imagens, pode-se perceber que os móveis nunca estão sozinhos, mas em relação uns com os outros e, principalmente, com os objetos que ajudam a enfatizar principalmente os móveis do designer.



A sugestão de simular uma habitação é uma tentativa de trazer o cliente para o mundo da casa. A loja simulava um ambiente ficcional e tentava criar um jogo de encantamento, mesmo que neste ambiente as peças encontram-se ali para serem vendidas e comercializadas. A luz natural também penetra pela vitrine e verifica-se também a possibilidade de ver do interior da loja a parte externa, mostrando o movimento da rua.

No próximo tópico vamos abordar as lojas localizadas nos *shoppings* de decoração existentes na cidade de Belo Horizonte, na década de 1990.

## **O segmento dos shoppings de decoração em Belo Horizonte: década de 1990**

Para entender melhor os próximos relatos, é preciso relembrar a intensa transformação que ocorreu no país no contexto do design brasileiro, com os inúmeros efeitos da globalização nesse dado momento histórico. O design brasileiro nos anos 1980 passa por uma fase de internacionalização e a indústria moveleira e seus fornecedores amadurecem e se consolidam em algumas regiões específicas do país. Esse processo de avanço tecnológico acontece fortemente na década de 1990, motivado pela abertura de mercado (Senai, 2011). Com as mudanças no quadro econômico financeiro internacional e a busca pela competitividade, o design é colocado em evidência.

A cidade de Belo Horizonte possui nessa ocasião três centros comerciais no segmento de casa e decoração: Raja Casa Shopping (1990), Minascasa (1994) e o Ponteio Lar Shopping (1995). Assim, a cidade de Belo Horizonte na década de 1990 vive o auge do segmento da casa e decoração.

A Wilke Design adquiriu lojas em dois centros comerciais desse segmento de decoração em Belo Horizonte, aderindo a esse mercado em expansão. Os espaços adquiridos são no Raja Casa Shopping e no Shopping Minascasa. Imediatamente a loja do Raja Casa teve um retorno significativo.

O Raja Casa foi o primeiro shopping especializado em artigos de casa e decoração da cidade, planejado e apresentado ao mercado em 1990 e inaugurado em 1993. Localizado na Avenida Raja Gabaglia 3950, no bairro Estoril, é um centro comercial destinado à comercialização de artigos para a decoração de ambientes residenciais e comerciais. Este empreendimento comercial contava com lojas, salão de eventos e 22.000 m<sup>2</sup> de área construída<sup>2</sup>.

A fachada da loja do Raja Casa Shopping repetia a configuração e o interior da loja, tal como a loja da Savassi, exibindo as mesmas características de disposição dos móveis simulando espaços da casa. O cuidado com a iluminação e o esforço para conseguir uma atmosfera residencial e íntima se fazia presente também nessa loja.

Em 1994 o Shopping Minascasa foi inaugurado, sendo um espaço segmentado para móveis, decoração e produtos para o lar. O seu diferencial entre os outros centros comerciais é que ele possui um projeto racional e bem dimensionado, com 62 lojas num só pavimento, o que facilita o acesso dos consumidores.

Este foi o segundo shopping temático de Belo Horizonte no mercado de móveis, decoração e design e o seu diferencial entre os outros shoppings é que ele possui um ar de «cidadezinha do

---

2 Fonte: <https://gaisslersolon.com.br/house/casa-raja-shopping/>

interior», seu estilo conhecido como *street*, possui ruas para pedestres, praças abertas e fontes, com iluminação natural, localizado no vetor nordeste da cidade<sup>3</sup>.

Em relação ao Shopping Minascasa, Wilke ressalta, “Os meus projetos não eram aceitos de cara, eu não os vendia facilmente, eles tinham um tempo de maturação, até o cliente ter coragem para comprar, pois meu móvel era diferenciado e original”<sup>4</sup> As vendas se davam em ritmo cadenciado e próprio.

Posteriormente, em 1995, o Shopping Ponteio foi inaugurado com um projeto arquitetônico arrojado, com lojas de decoração sofisticadas e marcas reconhecidas nacionalmente, comercializando inúmeros artigos de decoração e design, bem como eletrodomésticos, eletroeletrônicos, móveis, adornos, molduras, ferragens, tapeçaria, entre outros. Com este novo shopping e a oferta desse grande número de lojas e muitas novidades isso vai afetar muito os negócios de Wilke. Neste contexto, podemos destacar a fala da secretária do desenvolvimento Econômico do Estado de Minas Gerais, Dorothea Werneck:

[...] há algumas décadas, a visão de alguns pioneiros foi fundamental para alavancar o processo que hoje flui na direção da economia criativa, em que o capital intelectual é a mola propulsora do desenvolvimento, apoiado no tripé da sustentabilidade econômica, social e ambiental. [...] e lançar um olhar sobre o trabalho desses pioneiros é importante pois eles foram os responsáveis pela incorporação do design e da inovação no segmento de móveis (Werneck, 2012, p. 4)

Lançar um olhar sobre o trabalho dos designers precursores de Belo Horizonte e contextualizar seus projetos nos permite entender melhor quem somos hoje.

Considerando que a pesquisa para escrita do artigo se desenvolve no âmbito da cultura material de um determinado período, no tópico a seguir, propomos uma apresentação mais detalhada dos produtos desenvolvidos pela Wilke Design na época de sua atuação nas décadas de 1980 e 1990. Finalmente, mostrar o caminho que esses pioneiros percorreram nos ajuda a compreender como o design nacional obteve seu reconhecimento.

## **A produção da Wilke Design: um olhar detalhado sobre sua obra**

Nesse contexto, vem a ser importante destacar a categorização feita por Santos (2015) sobre o mercado de móveis, em geral, no qual a produção do móvel é eclética e possui várias vertentes. A autora aponta a escala de produção massiva que ocorreu a partir dos anos 1970–1980 até o final do século XX, e classifica as seguintes categorias:

[...] o móvel de autor, assinado, com canais de venda e faixa de clientela próprios; o móvel de massa, que inundou o mercado para o consumo popular, sem preocupações com o design; o móvel reciclado, [...] os móveis institucionais, destinados principalmente a escritórios, lugares públicos, bibliotecas, auditórios, museus e hospitais. [...] com todas essas opções, a indústria brasileira de mobiliário atendeu às necessidades do mercado (Santos, 2015, p. 207).

---

<sup>3</sup> Fonte: <https://shoppingminascasa.com.br/o-minascasa>.

<sup>4</sup> [Entrevista concedida a] Adriana Dornas. Belo Horizonte, em 18 jun. 2025.



A classificação de Santos contribuiu em certa medida para entender como funciona o processo de distinção dos móveis e as categorias em que eles estão inseridos, bem como o que se entende por móvel de autor, que possui a assinatura do designer. Uma categoria em expansão que ganhou força a partir dos anos de 1980. Ao indagar Wilke sobre suas referências e possíveis influências, o designer relata:

Eu não tinha nenhuma referência, eu perseguia a autoria, claro que eu tinha acesso a algumas revistas, tais como: Revista Casa Cláudia, Revista Casa e Jardim, Revista Vogue, e a Interni, italiana, mas essa última chegava com muita defasagem (de seis meses a um ano) e essa revista eu adquiria quando ia a São Paulo e comparava a revista e alguns livros [...].<sup>5</sup> (Wilke, 2025)

A categoria referente ao móvel de autor, apresentada por Loshiaivo, se relaciona diretamente com o assunto pesquisado e, portanto, a fala de Eduardo Wilke condiz com a realidade, pois o que o designer perseguia era a originalidade. Quando indagado sobre as características mais marcantes presentes em suas principais linhas de móveis, enfatiza: “Era a personalização e a utilização da madeira maciça, manter a madeira sólida natural [...] quando todas as outras marcas já estavam utilizando os painéis planos”, e complementa:

[...] a diferenciação se dava em relação às especificidades do mobiliário e características do desenho como o uso das molduras, do tipo de madeira e suas tonalidades, cores e brilho, dos acabamentos, dos acessórios, dos complementos, dos tecidos, toda uma diferenciação dos elementos usados na estética dos produtos e que pode ser observado principalmente na poltrona Austriaca<sup>6</sup> (Wilke, 2025).

Para iniciar, vamos abordar a história da marca, sua atuação, e a forma como o designer encontrou para posicionar o seu negócio. Uma vertente que merece atenção foi o desenvolvimento de brindes corporativos. Uma forma encontrada pelo designer para atender e explorar uma demanda da época. É nesse ponto de nossa pesquisa que nos propomos a apresentar alguns produtos desenvolvidos pela Wilke Design relacionados a esse segmento.

Os brindes corporativos exploram itens de decoração e objetos de casa, pois o designer notou que as grandes empresas buscavam presentear seus clientes com itens mais personalizados.



Figura 4: Brindes corporativos Mini-bar com acessórios, Jogos Resta um e tabuleiro de xadrez.  
Fonte: Arquivo particular fotográfico de Eduardo Wilke.

5 [Entrevista concedida a] Adriana Dornas. Belo Horizonte, em 18 jun. 2025.

6 [Entrevista concedida a] Adriana Dornas. Belo Horizonte, em 18 jun. 2025.

No lado esquerdo da Figura 4, observa-se um pequeno bar de parede confeccionado internamente em aglomerado, revestido em lâmina natural, com o suporte de taças e de garrafas de vinho. Em sua parte externa, o acabamento é em madeira natural sólida tingida em castanho (cor e tonalidade que predominavam na época) com acabamento em verniz fosco. Verifica-se também uma tábua de frios em mogno natural com o mesmo acabamento sem tingimento.

No lado direito da Figura 4, o jogo Resta-um e o tabuleiro de xadrez, ambos em mogno natural sem tingimento, foram executados para a empresa Acesita. A forma das peças do jogo de xadrez é cuidadosamente esculpida e o desenho é criado exclusivamente para o jogo.

Wilke explora o setor de brindes no decorrer de 1978 a 1982 e, posteriormente, ainda na década de 1980, se propõe a revisitar um clássico do design brasileiro, a cama Patente, do marceneiro imigrante espanhol Celso Martinez Carrera. A peça original tem uma estrutura simples e foi um artefato importante para o desenvolvimento do mercado de mobiliário no Brasil no início do século XX.

Para entender o contexto da época, vale relembrar que a disseminação das técnicas industriais do mobiliário se deu no século XIX, e ficou a cargo dos imigrantes europeus, com experiência nesse modo de produção. Os marceneiros utilizavam a madeira torneada, comum na Europa, e o primeiro fabricante a produzir esse tipo de mobiliário em escala comercial no Brasil foi o imigrante espanhol Celso Martinez Carrera, em Araraquara, em São Paulo. Contemporaneamente a ele, o italiano Luiz Lício, também residente em Araraquara patenteou a Cama Patente. Lício conseguiu apresentar um desenho mais simples, o que barateia ainda mais a produção, e permitiu a exclusividade de fabricação (Galli, 1988; Santos, 1995).

Em 1919, esses móveis foram produzidos em larga escala e tinham uma qualidade rigorosa, e “[...] em pouco tempo as camas e cadeiras Patente passaram a ser encontradas em armazéns, feiras livres e lojas de departamento, como Mappin, Mesbla, Cássio Muniz e Casa Alemã” (Galli, 1988, p. 42). Dessa forma, Eduardo Wilke vai se inspirar nessa renomada cama e desenvolver uma releitura. O designer relata: [...] “era uma peça de difícil execução, mas que vendeu bastante”<sup>7</sup> (2025). Pode-se perceber a inspiração entre as duas camas na figura a seguir.



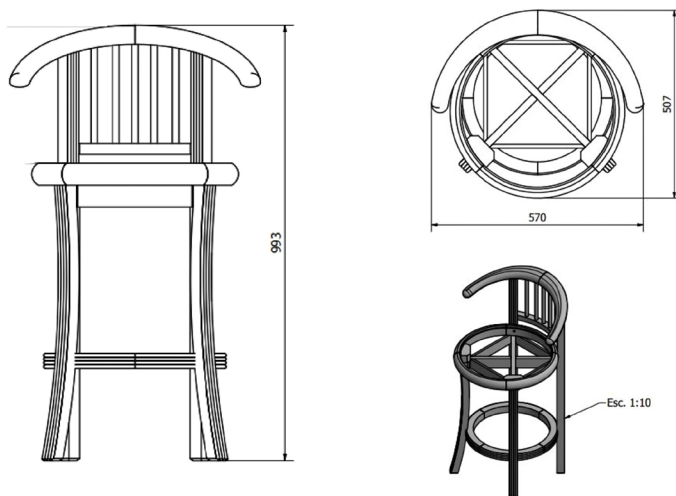
*Figura 5: Cama Patente de 1915 de Celso Martinez Carrera e a releitura feita pelo designer. Fonte: [https://www.saopauloinfoco.com.br/a-cama-de-todo-paulistano-a-historia-da-patente/#google\\_vignette](https://www.saopauloinfoco.com.br/a-cama-de-todo-paulistano-a-historia-da-patente/#google_vignette). Fonte: Arquivo particular fotográfico de Eduardo Wilke.*

7 [Entrevista concedida a] Adriana Dornas. Belo Horizonte, em 18 jun. 2025.

Pode-se perceber que a peça executada por Wilke, é muito simples e harmoniosa. A fotografia da releitura foi realizada na loja Quarto Bonito, especializada em mobiliário de quarto e cobre-leitos localizada na Avenida Afonso Pena, na década de 1980, próximo a região da Savassi.

### **Linha Austríaca: sofisticação e harmonia**

A linha Austríaca conta com um conjunto de mobiliário executado em madeira, desenvolvida entre os anos 1989 e 1990, composta por banqueta, cadeira, poltrona e sofá. Prioriza a forma simples com sofisticação no desenho, harmonização de volume e de proporção. Wilke recebeu sua primeira premiação no 3º Prêmio MOVESP Design 1990, da Associação das Indústrias do Mobiliário do Estado de São Paulo, na categoria Móveis para *Living*. Recebeu ainda o Certificado de Boa Forma, com os projetos Mesa de canto componível e toda a linha Austríaca: o sofá, a poltrona Austríaca, a cadeira e a banqueta.



*Figura 6: Desenho técnico da banqueta Austríaca.  
Fonte: Arquivo particular fotográfico de Eduardo Wilke.*

A poltrona Austríaca, ilustrada na Figura 6, tem encosto com detalhes em varetas de madeira e os pés são ornados com frisos em baixo relevo. A seguir, na Figura 7, podemos ver o designer fotografado no salão Design no Prêmio MOVESP Design de Mobiliário, após a premiação de suas peças, tendo em evidência a Linha Austríaca estofada, em suas diversas versões.



*Figura 7: Eduardo Wilke no Pavilhão Design MOVESP com sua linha premiada.  
Fonte: Arquivo particular fotográfico de Eduardo Wilke.*

Indagado sobre a eventual repercussão que a premiação trouxe para sua atuação profissional, o designer respondeu:

O Prêmio MOVESP Design de Mobiliário era um evento na Feira de Móveis MOVESP, e o maior evento de móveis e de design que ocorria no Brasil. Houve uma grande demanda de solicitação dos móveis, e ampliei a venda em São Paulo, e no Brasil inteiro [...] ampliei muito os meus negócios”.<sup>8</sup> (Wilke, 2025).

Cabe ressaltar que a década de 1990 foi um momento relevante para o mercado de decoração e design. Nesse momento particular, Wilke se sente mais estimulado e seguro com o reconhecimento e a premiação de seu trabalho.

### **Linha Trap: versatilidade e multifuncionalidade**

A Linha Trap (1992) é composta por módulos componíveis e multifuncionais, que incluem armários, *buffets*, gaveteiros, módulos com prateleiras para tv e som, entre outros. O destaque fica por conta da possibilidade de adaptação dos móveis às transformações que a vida contemporânea requer. Essa versatilidade das peças possibilitou o sucesso das vendas. Assim como a Linha Áustria, a Trap também foi agraciada com o Certificado de Boa Forma, Categoria Móveis para *Living*, concedido pela MOVESP – Associação das Indústrias do Mobiliário do Estado de São Paulo, em 1992.

A Figura 8 apresenta a cama Trap que possui um painel acoplado a cama, tal recurso proporciona diversas possibilidades de uso do móvel, podendo ser montado conforme a necessidade do cliente: como cama de casal, duas camas de solteiro ou uma cama de solteiro, criados baixos ou altos (com função de cômoda), e outras diversas possibilidades.



Figura 8: Linha Trap (premiada em 1992).  
Fonte: Arquivo particular fotográfico de Eduardo Wilke.

Wilke buscava em seus móveis o máximo de qualidade, flexibilidade, e se valia do uso inteligente da madeira, obtido por meio da usinagem, para proporcionar uma forma elegante. Os móveis dessa linha também dispunham de um diferencial que era a versatilidade, que aparece na forma de móveis compactos, modulados e adaptáveis à arquitetura e de espaços que exigem a multifunção, por meio da modularidade e variabilidade.

8 [Entrevista concedida a] Adriana Dornas. Belo Horizonte, em 18 jun. 2025.

Assim, fica evidente a possibilidade de se adaptar a arquitetura, e que cada peça cumpre uma função específica, além de estabelecer uma conexão com o entorno. Tal multifuncionalidade é muito bem-vinda em tempos onde os espaços são reduzidos. A diversidade de formas, dimensões, cores e desenhos conferiam à linha TRAP a versatilidade que o móvel exigia nessa época.

A personificação, por meio das diversas possibilidades de acabamento, fazia com que o móvel pudesse ser utilizado em vários ambientes. Com isso, cada detalhe foi cuidadosamente pensado para que o produto transmitisse simplicidade, originalidade e refinamento. Vale destacar uma questão apontada pelo sr. Elir Barbosa Fernandes, seu primeiro empregado e que o acompanhou por toda sua trajetória, “o que era importante para nós era o acabamento e a pontualidade na entrega”<sup>9</sup> (Fernandes, 2016).

As décadas de 1980 e 1990 nos permitiram presenciar diversas mudanças e evoluções no universo do design de ambientes. As tendências chegavam e se juntavam a outras anteriores – as misturas de estilos convivem entre si de forma muito intensa nessa época. Uma das peças de destaque na sala de estar era o bar, combinando volumes e formas. Wilke conseguiu chegar a inúmeros resultados com esse móvel.

### **A força de um móvel: o bar invade o espaço da casa**

Nas décadas de 1970 a 1990 a vida em casa estava cada vez mais voltada para as áreas sociais, sendo que o espaço da sala agregava funções múltiplas. Nessa perspectiva, a casa é o lugar de fixação e domesticidade, onde o indivíduo se encontra e define o seu comportamento. A casa é o lugar onde a intimidade é definida e responsável por delimitar o público e o privado (Freire, 1996). Assim, a tripartição da casa burguesa em espaços sociais, íntimos e de serviço (Tramontano, 1997) foi se modificando, e passa a seguir os modismos de determinadas épocas. Nesse momento, vamos ressaltar um item que começou a roubar a cena e não faltar em nenhuma sala: o bar. Para reforçar a fala de Tramontano, convocamos Algranti (1995):

[...] a definição de casa como habitação é atemporal, o que se transforma são as configurações em função da época e do local [...] já que as transformações que acontecem nos costumes, cotidianos, na mentalidade, na moral, no comportamento e na vida social são as causas de mudanças no espaço doméstico, ou seja, o perfil da sociedade reflete na casa (Algranti, 1995, p. 47).

Os bares privilegiam a convivência familiar, amigos e de pessoas convidadas, possibilitando uma forma de socialização dentro de casa. A preparação de bebidas e coquetéis num espaço da casa mais intimista é percebido pela escolha dos objetos. Os bares são equipados com bancada, banquetas, alguns com iluminação embutida. As imagens abaixo ilustram as possibilidades exploradas em um único desenho numa mesma plataforma, feito em diversos tipos de madeira, variando somente a sua tonalidade. Esta diferenciação proporciona uma alteração conceitual: chega-se a um produto sofisticado e elegante ou um móvel jovem e despojado. Estes bares possuem diversos acabamentos, tais como mogno natural, ipê tabaco, e outras várias possibilidades cromáticas por meio do tingimento da madeira.

---

9 [Entrevista concedida a Adriana Dornas. Belo Horizonte, em 08 jul. 2016.]





*Figura 9: Bares em diversos acabamentos. Fonte: Arquivo particular fotográfico de Eduardo Wilke.*

Com essas imagens da Figura 9, é possível perceber o acabamento cromático destes bares em mogno natural e mogno castanho. As variações e adequações se adaptam conforme o gosto e a necessidade do usuário. Nota-se que na imagem à direita, o bar possui um chapéu em sua parte superior e, onde seriam os fundos do modelo à esquerda, passa a ser lateral com aplicação do espelho, materializando as infinitas possibilidades de uso.

A Figura 10 ilustra outro modelo de bar, que vem a ser um produto mais sofisticado, com apelo tecnológico, com o uso do neon, o que confere ao ambiente, segundo o designer, um ar mais high tech.



*Figura 10: Bar em madeira, acrílico e iluminação em neon. Fonte: Arquivo particular fotográfico de Eduardo Wilke.*



A mistura da madeira com o acrílico, a iluminação em neon e os detalhes em espelho conferem sofisticação aliada à tecnologia. O designer declara, “executei e vendi apenas três peças, pois esse bar era caríssimo”<sup>10</sup> (Wilke, 2025). Essa peça possui uma singularidade expressiva e a mistura da madeira e o acrílico criam uma atmosfera quase cenográfica.

Assim, Wilke trabalha com o máximo de refinamento e consegue desenvolver tanto um desenho mais sofisticado marcado pela elegância e personalidade, quanto com a simplicidade singular presente em outras peças. E o Sr. Elir acrescenta, “este bar, que eu apelidei de elefante, foi executado para a mostra UNILAR e foi executado em mogno (madeira nobre), e ele era muito grande [...] era uma peça muito majestosa, eu gostava muito dele”<sup>11</sup> (Fernandes, 2016).

Um dos formatos utilizados por Wilke para gerir seu negócio é o móvel sob encomenda. A seguir, apresentamos esses projetos que são executados sob solicitação de compra diretamente com o próprio designer ou feitos sob incumbência de outros arquitetos e designers.

A Figura 11 ilustra um projeto da decoradora Leticia Viana e executado por Wilke, na década de 1980. São peças extremamente bem-feitas, e isso se faz necessário para atender a demanda e refletir os traços da personalidade dos clientes. Ambos entendem que o bar, em um ambiente residencial, deve ser atrativo e ao mesmo tempo um lugar especial de refúgio para o morador. O destaque fica por conta do uso da madeira nobre, e os detalhes construtivos que ajudam a entender toda a preocupação com a qualidade que Wilke possuía, criando assim uma marca de distinção no mercado de mobiliário na época.



*Figura 11: Projeto de bar de Leticia Viana executado pela Wilke Design.*

*Fonte: Arquivo particular fotográfico de Eduardo Wilke.*

Os projetos feitos pela decoradora Leticia Viana evidenciam a importância do mini ambiente bar dentro da moradia. A combinação sutil da madeira e do vidro, bem como o uso desses dois materiais conferem ao ambiente elegância e aconchego. A ocupação do espaço estava de acordo

<sup>10</sup> [Entrevista concedida a] Adriana Dornas. Belo Horizonte, em 18 jun. 2025.

<sup>11</sup> [Entrevista concedida a] Adriana Dornas. Belo Horizonte, em 08 jul. 2016.

com a classe social do grupo específico que ela atendia. A decoradora alerta<sup>12</sup>: “Eu e Eduardo atendemos a classe “A”<sup>13</sup> (Viana, 2016).

Das peças em acrílico e madeira, às mesas componíveis, aos brindes corporativos, aos móveis que ganharam destaque como as linhas Austríaca e Trap e os bares residenciais, a história profissional de Wilke se encontra com o cenário brasileiro nos anos 1990. Momento crítico em que a abertura do mercado – liberação das importações – e seus reflexos no setor produtivo comercial do país, durante o governo do presidente Fernando Collor de Mello (1990–1992), refletiram profundamente o cotidiano de grande parte da população brasileira. A atividade de Wilke é afetada, o que resultou no encerramento de suas lojas em 1995, seguida pelo fechamento da fábrica em 1996.

A partir daí, o designer se dedica a realização de consultoria para lojas, indústrias de móveis e a desenvolver projetos e produzi-los por intermédio de parceiros. A nova fase inclui a participação em iniciativas de Arranjos Produtivos Locais (APL’S) para o desenvolvimento de polos moveleiros do Vale do Jequitinhonha, Mucuri, região metropolitana de Belo Horizonte e Ubá. Wilke passa a ministrar disciplinas na Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, como Design de Móveis para alunos da graduação e Gestão da Produção para a pós-graduação.

## Considerações finais

A pesquisa que permitiu a construção do artigo teve como propósito compreender a trajetória da marca Wilke Design, em um determinado período histórico na cidade de Belo Horizonte.

A atuação de Eduardo Wilke, no decorrer das décadas de 1970 a 1990, obteve reconhecimento no campo do design autoral. Tal obra se vale do uso da madeira maciça e de técnicas finas de marcenaria, bem como da conceituação de tendências relacionadas a hábitos, comportamentos sociais, novos materiais e novas tecnologias que contribuíram para a diferenciação de seu mobiliário. O uso da madeira, inclusive, quando vários fabricantes já tinham migrado e passaram a utilizar os painéis de aglomerado e o MDF (chapa de fibra de madeira de média densidade).

O designer explorou várias possibilidades de colocar sua marca em destaque em Minas Gerais e no Brasil, sendo que o seu percurso pode ser considerado particular, ao contrário do segmento da indústria de móveis seriados. Na produção autoral de Eduardo Wilke, destaca-se a diversidade de desenhos voltados para um público específico, em que a escolha do material – a madeira natural – é primordial.

Para finalizar, ao indagar Eduardo Wilke sobre o que ele considerava que deixou como legado para as futuras gerações, depois de um longo silêncio e uma pontinha de emoção, ele responde: “ousadia só... tem que ousar... ir atrás do diferente, buscar autenticidade, confiar em você mesmo, e ter muita persistência” (Wilke, 2025).

Apresentar esta reflexão sobre o alcance, potencialidades e diferenciais da marca Wilke Design revela sua incidência e protagonismo no histórico do Design em Belo Horizonte e no Estado de Minas Gerais.

---

12 [Entrevista concedida a] Adriana Dornas. Belo Horizonte, em 10 jul. 2016.

13 A classe A que Lectícia se refere é um conceito de origem socioeconômica que representa uma classe com maior poder aquisitivo que procura bens e serviços exclusivos e únicos para demonstrar prestígio social.

## Referências

- ALGRANTI, Leila Mezan. **Famílias e vida doméstica**. In: História da Vida Privada. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ARAGÃO, Gaby; PODESTÁ, Sylvio. Pacífico Bar Café. **Revista AP**. Belo Horizonte, ano 2, n. 4. p. 45-48, mar./abr.1996.
- BORGES, Adélia. **Museu da Casa Brasileira** (São Paulo) Prêmio Design: 1986-1996. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 1996.
- FERNANDES, Elir. [Entrevista concedida a] Adriana Dornas. Belo Horizonte, em 08 jul. 2016.
- FREIRE, Gilberto. **A casa Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Grifo, 1971.
- GALLI, Vera. **Cadeira o Mobiliário no Brasil**. São Paulo: Empresa das Artes/ Giroflex, 1988.
- LEMOS, Celina. Uma centralidade Belo-horizontina. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, n. 2. v. 43, p. 92-111, jul./dez. 2007.
- MAGALHÃES, Fábio. **Museu da Casa Brasileira** (São Paulo) Prêmio Design: 1986-1996. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 1996.
- OBJETO BRASIL. **Um novo olhar sobre o design brasileiro**. Associação Objeto Brasil. São Paulo: SENAI-SP, Editora Associação Objeto Brasil, 2012.
- OLIVEIRA, Abrahão. A cama de todo paulistano: a história da Patente. São Paulo, 16 abr. 2020. Disponível em: [https://www.saopauloinfoco.com.br/a-cama-de-todo-paulistano-a-historia-da-patente/#google\\_vignette](https://www.saopauloinfoco.com.br/a-cama-de-todo-paulistano-a-historia-da-patente/#google_vignette). Acesso em: 15 jun. 2025.
- Raja Casa Shopping. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://gaisslersolon.com.br/house/casa-raja-shopping/>. Acesso em: 4 jun. 2025.
- SANTOS, Eliseu. Móveis Ambulantes. **Revista AP**. Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 32-35, jun./ago. 1995.
- SANTOS, Eliseu. Salão Design Movelsul 1996. **Revista AP**, Belo Horizonte, v. 2, n. 5, p. 82-83, mai./jun. 1996.
- SANTOS, Maria Cecília. Minas: o design, o móvel, a modernidade. **Revista AP**, Belo Horizonte, v. 1, n.2 p. 115, jun./ago. de 1995.
- SANTOS, Maria Cecília. **Móvel Moderno no Brasil**. São Paulo: Editora Olhares, 2º ed., 2015.
- SEBASTIÃO, Walter. Oficina Cerâmica Terra. **Revista AP**, Belo Horizonte, v. 2, n. 6, p. 85- 91, jul./ago. 1996.
- SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Departamento Nacional. **Desejos & Rupturas**: referências do mobiliário/ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Departamento Nacional. – Brasília: SENAI – DN, 2011.
- Shopping Minascasa. Belo Horizonte. Disponível em: <https://shoppingminascasa.com.br/o-minascasa>. Acesso em: 4 jun. 2025.
- TRAMONTANO, Marcelo. **Habitação, Hábitos e Habitantes**: tendências contemporâneas metropolitanas. Disponível em: [www.eesc.usp.br/nomadis/livraria/artigosonline/habitoshabitantes.htm](http://www.eesc.usp.br/nomadis/livraria/artigosonline/habitoshabitantes.htm). São Carlos, 2003. Acesso em: 1 jul. 2020.
- VIANA, Lectícia. [Entrevista concedida a] Adriana Dornas. Belo Horizonte, em. 10 jul. 2016.
- WERNECK, Dorothea. No compasso do design e da inovação. In: **Um novo olhar sobre o design brasileiro**/ Associação Objeto Brasil. São Paulo: SENAI-SP editora; Associação Objeto Brasil, 2012. p. 4-5.
- WILKE, Eduardo. [Entrevista concedida a] Adriana Dornas. Belo Horizonte, em 18 jun. 2025.

---

## Sobre a autora

**Adriana Nely Dornas Moura** é doutora e mestre em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Pós-doutoranda na UEMG. Professora na Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC). Vice-diretora e Curadora de Design Contemporâneo no Museu da Cadeira Brasileira (MuC). Membro da equipe de Curadoria do Instituto de Arte e Design em São Paulo (IADÊ). Professora convidada ad honorem do Doutorado da Universidade de Palermo em Buenos Aires na disciplina Seminário Internacional e Estudos Avançados em Design. Atualmente propõe como enfoque de pesquisa, uma reflexão sobre o design contemporâneo brasileiro e internacional, permeando a arte e o design, discutindo tanto a prática quanto os aspectos teóricos do design, da cultura, da Comunicação e da Arte.

E-mail: [adrianadornasmoura@gmail.com](mailto:adrianadornasmoura@gmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6225262377240482>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3810-983X>